

Ana Caroline Siqueira Braga*

“EU NÃO CONSIGO TIRAR O VIADUTO DO MEU SANGUE”

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E EMOÇÕES NAS HISTÓRIAS DE VIDA DE UM DJ DO BAILE CHARME DO VIADUTO DE MADUREIRA

Resumo

O movimento charme, surgido nos anos 1980 no Rio de Janeiro, tem como palco principal o Baile do Viaduto de Madureira. Com base na metodologia de pesquisa qualitativa-interpretativista (Denzin; Lincoln, 2006), este artigo propõe uma análise discursiva a partir de uma entrevista concedida por Michell, DJ residente e sócio-diretor do Baile Charme do Viaduto de Madureira, a um *podcast*. A análise aponta a construção discursiva de identidades e emoções nas histórias de vida (Linde, 1993) do DJ e como essas se inscrevem nos ambientes de memória (Martins, 2003), promovendo simultaneamente um senso de pertencimento e a propagação do movimento charme.

Palavras-chave

Narrativas. História de vida. Identidades. Emoções. Baile Charme do Viaduto de Madureira.

Primeiros passinhos¹

Tendo raízes em bailes realizados no Sport Club Mackenzie, no Méier, durante a década de 1980, o movimento artístico-cultural charme espalhou-se por vários bairros do Rio de Janeiro, consolidando-se, especialmente, em Madureira, com o Baile Charme do Viaduto. Segundo Michell, DJ residente e sócio-diretor deste

*Doutoranda em Letras/ Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, bolsista Capes. Graduada em Letras Português-Inglês e Mestre em Estudos da Linguagem, pela mesma instituição. Atua como professora de inglês.

Recebido em: 20/08/2025

Aceito em: 01/11/2025

Revista Escrita.
Rio de Janeiro,
n. 31, 2026.
ISSN: 1679-6888

¹ O termo “passinhos” é empregado ao longo deste artigo em sentido metafórico para nomear as seções que organizam este trabalho. No movimento charme, o termo refere-se às coreografias das músicas tocadas nos bailes. Já a palavra “baile”, embora seja comumente associada a reuniões festivas centradas em música e dança, no contexto do movimento charme, diz respeito a eventos de valorização da(s) cultura(s) e identidade(s) black, construídos de modo coletivo, democrático e inclusivo.

Baile, o termo “charme” foi cunhado no Brasil, embora o estilo musical tenha sido influenciado pelo ritmo estadunidense *Rhythm & Blues*:

O termo charme foi criado aqui no Brasil a uma maneira carinhosa de chamar o *R&B* internacional, o *Rhythm and Blues*. E, por um baile que tinha, que era o DJ Corello que fazia, a galera sempre falava, o DJ Corello sempre falava: “chegou a hora do charminho, transe o seu corpo bem devagarinho”. Então, charminho, charminho, charminho, vamos lá no baile do Corello. (Santana; Mello, 2023, 11min37s-12min01s)

Ao anunciar “Chegou a hora do charminho, transe seu corpo bem devagarinho”, no baile do clube Mackenzie, DJ Corello² não apenas abraçava o estilo musical R&B, como também inaugurava um novo modo de performar nos bailes cariocas, uma forma de “dançar com charme”, como o próprio DJ conta em entrevista³ (Gomes, 2024). Nos anos posteriores, a musicalidade introduzida por Corello foi difundida por equipes de som, como a “Só Mix Disco Club”, composta por Fernandinho DJ, Wilson DJ e Alexandre Careca, sendo esses dois últimos pai e padrinho de Michell; e por eventos, como o Disco Voador, em Marechal Hermes, o Baile do Vera Cruz, na Abolição, e o já citado baile do clube Mackenzie, no Méier (Miranda, 2019).

A realização do Baile Charme sob o Viaduto Prefeito Negrão de Lima, popularmente conhecido como Viaduto de Madureira, decorreu de esforços coletivos para viabilizar um baile neste bairro da zona norte. De acordo com o site do próprio Viaduto de Madureira (2016), o Baile foi inicialmente motivado pela criação do bloco carnavalesco “Pagodão de Madureira”, em 1990, cujo ponto de encontro era a calçada do viaduto.

Quatro anos após a criação do bloco, o camelô César Athayde propôs o projeto “Charme na Rua” para a diretoria do bloco e para os DJs Corello e Fernandinho (Gomes, 2024). De acordo com Deibler Athayde, seu pai, César Athayde, frequentador do Baile do Vera Cruz, foi barrado neste evento devido às suas vestimentas, pois este baile era tradicional e só autorizava a entrada com traje social (Viaduto de Madureira, 2025; Gomes, 2024). A autora Miranda (2019) acrescenta ainda que César e seu irmão Celso trabalhavam e moravam em Madureira, por isso, a realização do baile no próprio bairro tinha como objetivo proporcionar uma forma de entretenimento mais acessível e sem deslocamentos, facilitando a rotina dos irmãos e de outros camelôs da região.

O projeto “Charme na Rua” foi renomeado “Rio Charme” em 1995 e, posteriormente, registrado sob o nome “Espaço Cultural Rio Hip Hop Charme” em 2000, sendo atualmente dirigido por alguns integrantes do bloco carnavalesco e por DJ Michell (Viaduto

² Corello é o nome artístico e a forma abreviada de Marco Aurélio Ferreira.

³ Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/baile-charme-viaduto-de-madureira>. Acesso em 18 de dezembro de 2025.

de Madureira, 2016; Miranda, 2019). Nesse espaço, acontece, aos sábados, das 22h às 05h, o Baile Charme do Viaduto de Madureira, com os DJs Michell, Guto, Fernandinho, Vig e a DJ Gab, sendo esta última a primeira mulher a se tornar residente do Baile do Viaduto e filha do DJ Corello, criador do estilo charme no Brasil.

A partir do exposto, percebe-se que as histórias do charme se entrelaçam em redes de conexões territoriais-afetivas,⁴ tecidas por relações familiares e profissionais. No contexto deste trabalho, meu interesse pessoal pelo charme se iniciou na adolescência, a partir do contato com o estilo musical *R&B*, e se intensificou com a frequência aos bailes e com a minha participação, desde 2017, nas oficinas de dança charme do projeto Rio Charme Social, iniciativa que também acontece no Espaço Cultural Rio Hip Hop Charme/Viaduto de Madureira.

Além desse papel afetivo-comunitário, o movimento charme também vem sendo reconhecido por meio de legislações que visam preservar essa manifestação artístico-cultural. Em 2013, o Baile Charme foi cadastrado como bem cultural de natureza imaterial da cidade do Rio de Janeiro, sob o decreto nº 36803 (Rio de Janeiro, 2013). Em 2019, a lei nº 8559 ampliou esse reconhecimento ao declarar o movimento artístico charme como um patrimônio cultural imaterial no âmbito estadual (Brasil, 2019). Já em 2022, o Projeto de Lei nº 6005 propôs que o Baile Charme do Viaduto de Madureira passasse a integrar o conjunto dos patrimônios culturais imateriais do Estado do Rio de Janeiro. Mais recentemente, em 2025, a lei nº 8954 reconheceu o Passinho do Baile Charme como patrimônio imaterial do povo carioca (Rio de Janeiro, 2025).

O reconhecimento institucional, em níveis municipal e estadual, contribui para a valorização da música e da dança de matriz negra, intrínsecas aos bailes charme, assim como para a preservação física e simbólica do charme, dada sua relevância no cenário cultural carioca. Para além dos marcos legais citados, compreendo que a preservação do movimento se concretiza cotidianamente nas práticas de resistência, afeto e memória vivenciadas por frequentadores e organizadores dos bailes.

Em uma tentativa de convergir esforços para a propagação e preservação do charme, este artigo tem como objetivo analisar a construção discursiva de identidades e emoções do DJ Michell em suas narrativas de história(s) de vida (Linde, 1993) ligadas ao Baile Charme do Viaduto de Madureira. Mais especificamente, é uma proposta para identificar como essas identidades e emoções operam enquanto inscrições nos ambientes de memória (Martins, 2003) do Baile Charme, contribuindo para a construção de um senso de pertencimento nesse espaço.

⁴ Neste trabalho, compreendo “território” para além do domínio político ou das estruturas de poder. A noção com a qual me alinho abrange também dimensões simbólicas, identitárias e afetivas que se configuram de modos distintos entre os grupos sociais (Haesbaert, 1997).

Conforme mencionado, um dos nomes historicamente associados ao Baile Charme do Viaduto de Madureira é o do DJ Michell, residente do baile desde 1994, sócio-diretor do Espaço Cultural Rio Hip Hop Charme e do Projeto Rio Charme Social. Dessa forma, é possível notar que ele ocupa uma posição de protagonismo, sustentada por sua longa trajetória como DJ, pela atuação de seus antepassados no charme e por sua função de sócio-diretor do espaço, aspectos destacados pelo próprio Michell na entrevista que constitui o *corpus* deste trabalho. Sua relevância para a história do movimento faz dele um representante amplamente reconhecido, com muitas publicações em redes sociais, entrevistas jornalísticas e produções de eventos, nos quais frequentemente fala em nome do Baile Charme.

Diante dessas razões, recorro às falas de Michell em uma entrevista concedida ao *podcast* do setor de entretenimento “Meu Negócio é Diversão”, na qual o DJ narra sua trajetória profissional e descreve alguns projetos realizados. Para dar conta dos objetivos apresentados, analiso excertos da entrevista em que Michell fala do seu crescimento profissional no Viaduto de Madureira e do vínculo afetivo e identitário que mantém com o local.

Tendo apresentado um panorama do artigo nesta primeira seção, organizo a continuação do trabalho em cinco partes. Na segunda seção, apresento os construtos teóricos que orientam este trabalho; na terceira seção, exponho os pressupostos teórico-metodológicos e o contexto de realização da entrevista; em seguida, explico a organização dos excertos e apresento a análise de dados; por fim, na quinta seção, desenvolvo os entendimentos momentâneos no que tange à construção das identidades, emoções e do senso de pertencimento de Michell no Baile Charme do Viaduto de Madureira.

Com quem dançamos: passinhos teóricos

O entrelaçamento música-corpo constitui um dos pilares do charme, como descrito no Projeto de Lei nº 6005 (Brasil, 2022), que define o baile charme como “movimento popular cultural que propõe uma reinvenção da identidade cultural negra, expressada através das danças, da música, das roupas, da disseminação de valores, de respeito ao próximo e diversão”.

Para compreender o papel do corpo nesse contexto, recorro às reflexões de Leda Martins (2003) sobre performances em rituais afro-brasileiros:

A esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performantários, grafados pela voz e pelo corpo, denominei oralitura, matizando na noção deste termo a singular inscri-

ção cultural que, como letra (*littera*) cliva a enunciação do sujeito e de sua coletividade, sublinhando ainda no termo seu valor de *litura*, rasura da linguagem, alteração significativa, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas (cf. MARTINS, 1997, p. 21). O significante oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas especificamente, ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade (Martins, 2003, p. 77).

Com base nessa definição, compreendo que a oralitura designa processos de produção e disseminação de conhecimento mediados pela oralidade e inscritos em corpos, vozes, histórias e narrativas. Ao propor que a memória dos saberes se inscreve tanto no corpo em performance quanto na letra caligrafada no papel, Martins contribui para a desconstrução de hierarquias ou dicotomias excludentes entre tais linguagens e reafirma a legitimidade de múltiplos repertórios artístico-culturais. No contexto do Baile Charme, adotar o conceito de oralitura implica reconhecer gestos, movimentos e ensinamentos, músicas, coreografias, histórias, relações e afetos, entre outros aspectos de caráter prático e subjetivo, como repertórios legítimos de saber.

Martins (2003) também concebe as práticas performáticas como “ambiente[s] de saber e da memória” (Martins, 2003, p. 78), por meio das quais as sociedades veiculam seus repertórios culturais, sendo as danças rituais brasileiras atos de inscrição, locais de saber em contínuo movimento. Em consonância com essa noção, concebo as performances orais e corporais do charme como ambientes que preservam e recriam as vivências e ensinamentos do movimento, materializados nas múltiplas linguagens que emergem dos corpos dançantes.

Assim, a trajetória do DJ Michell no Baile Charme do Viaduto de Madureira, narrada na entrevista, é inscrita e experienciada no/pelo seu corpo, tornando-se um arquivo vivo dos saberes compartilhados entre diversas gerações. Viver o baile, seja dançando, tocando e/ou narrando, é um gesto cultural e político, que possibilita a resistência do movimento por meio da repetição, restituição e ressignificação de construções sócio-histórico-culturais.

Além de abranger as performances corporais, o conceito de oralitura também abarca a dimensão discursivo-narrativa. As narrativas, entendidas como performances orais, são capazes de (re) construir vivências, memórias, saberes, identidades, afetos, entre

novos sentidos que emergem na interação com o outro. É possível, portanto, estabelecer uma aproximação entre o papel do corpo, para Leda Martins (2003), e da narrativa, para Bastos (2005): ambas rejeitam a concepção dessas performances como representações estáticas e cristalizadas do passado, defendendo que o corpo e a narrativa são, respectivamente, modos de produção de conhecimento e de compreensão das relações sociais.

Nesse sentido, Bastos (2005, p. 80) afirma que:

As narrativas não são mais consideradas como representações diretas e transparentes de eventos passados, mas sim como recontagens seletivas e contextualizadas de lembranças de eventos. (...) Podemos dessa forma compreender o relato da narrativa mais como uma construção social do que como uma representação do que aconteceu, no sentido de que construímos as estórias que contamos em função da situação de comunicação (quando, onde e para quem contamos), de filtros afetivos e culturais, e do que estamos fazendo ao contar uma história.

Portanto, analisar a narrativa de Michell, DJ residente e sócio-diretor do Baile Charme do Viaduto de Madureira, em uma entrevista para um *podcast* significa refletir sobre os papéis que ele ocupa, sobre como se posiciona e sobre como se sente neste espaço, considerando tanto o contexto sócio-histórico-cultural em que está inserido quanto a situação comunicativa em si.

De acordo com Bastos e Biar (2015), a prática discursiva é um objeto privilegiado no fazer científico, pois desempenha funções tanto para os interlocutores, que organizam suas experiências de vida e constroem sentidos sobre si mesmos; quanto para os pesquisadores, que constroem inteligibilidades sobre a vida social ao analisá-las. As autoras reivindicam, ainda, outras funções para as narrativas, ligadas à experiência cotidiana, como “construção de sociabilidade”, “conformação da experiência em padrões públicos de aceitação” e “construção de um sentido de quem somos e do mundo que nos cerca” (Bastos; Biar, 2015, p. 101). Dessa forma, reforça-se o papel da linguagem enquanto ação social, sendo as narrativas formas úteis e privilegiadas de ação e construção de sentido.

No contexto da entrevista do *podcast*, Michell não se limita a recapitular eventos ou reproduzir uma realidade fixa e estável. Em vez disso, ele constrói diversos sentidos sobre suas experiências no Baile Charme do Viaduto de Madureira. Assim, ao discorrer sobre sua trajetória profissional, Michell se posiciona em relação aos entrevistadores, constrói identidades para si próprio, reforça seus valores e crenças, e estabelece vínculos entre experiências individuais

e memórias coletivas do movimento charme, entre outros sentidos que contribuem para a sua construção enquanto membro dessa comunidade.

Desse modo, é possível afirmar que as histórias narradas por Michell funcionam como formas de “autoapresentação” (Mishler, 1986), pois nos informam sobre essas experiências pessoais, configurando-se como histórias de vida no sentido proposto por Linde (1993). Para essa autora, as histórias de vida, intrínsecas à experiência de quase todos os indivíduos, são unidades orais e sociais, contadas em muitas ocasiões e articuladas de forma coerente, a fim de expressar autenticidade e credibilidade. Elas expressam nosso senso de *self*, explicam quem somos, como chegamos até aquele momento de nossas vidas e como reivindicamos pertencimento a determinados grupos sociais.

De acordo com os critérios de Linde (1993), as histórias de vida precisam atender a dois parâmetros principais. O primeiro é apresentar um ponto avaliativo que consiste em um elemento significativo sobre o caráter do narrador. O segundo é ter reportabilidade estendida, isto é, apresentar eventos relevantes e dignos de serem contados, indo além de fatos triviais do cotidiano. Além disso, ao narrar uma história de vida, o interlocutor precisa apresentar “coerência narrativa”, construída por meio de recursos discursivos que tornam a história verossímil e consistente. Para tanto, lança-se mão dos princípios da causalidade e sequencialidade, que dizem respeito à articulação lógica e à sucessão apropriada dos eventos narrados.

Em consonância com essa perspectiva construcionista, adoto a concepção de identidade(s) como um construto social, concebida nas práticas discursivas e não parte integrante da natureza dos indivíduos (Moita Lopes, 2003). Nessa direção, compreendo que as identidades construídas por Michell, ao narrar sua história de vida na entrevista do *podcast*, são construídas no/pelo seu discurso e estão sujeitas a (re)construções a depender das situações comunicativas nas quais se inserem. Como afirma Hall (2005, p. 13):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções de tal modo que nossas diferentes identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Assim, compreendo as identidades em uma perspectiva não essencialista, mas como múltiplas, fragmentadas, dinâmicas e situacionais, distanciando-me de construtos deterministas e rígidos.

Em paralelo, adoto uma concepção de emoções orientada igualmente por um viés socioconstrucionista. Le Breton (2009) argumenta que as emoções não são fenômenos isolados, mas práticas discursivas vinculadas a contextos sociais e culturais, expressando relações, significados e interpretações. Para o autor, “a emoção é ao mesmo tempo avaliação, interpretação, expressão, significado, relação e regulamento do intercâmbio. Ela se modifica de acordo com os públicos e com o contexto” (*ibid.*, p. 266).

Com base nessa proposta, entendo que as emoções não são estados internos, mas práticas construídas na relação do sujeito com outras pessoas, objetos e lugares. Nesse sentido, exercem papel fundamental na produção de vínculos sociais e, conseqüentemente, na construção do senso de pertencimento no Baile Charme do Viaduto de Madureira.

Concluo, deste modo, esta seção, em que apresentei as principais perspectivas teóricas que orientam a análise discursiva proposta. A seguir, exponho os construtos teórico-metodológicos adotados e o contexto de produção da entrevista do *podcast*.

Como e onde dançamos: escolhas teórico-metodológicas e o contexto da entrevista

Este trabalho é orientado pela metodologia de pesquisa qualitativo-interpretativista (Denzin; Lincoln, 2006), cuja natureza é subjetiva, situada e interdisciplinar, permitindo estabelecer diálogos entre a área de Estudos da Linguagem e outros campos das ciências humanas e sociais. Nessa perspectiva, os participantes da entrevista do *podcast* são compreendidos como produtores de conhecimento e de sentidos úteis para criação de inteligibilidades acerca da vida social.

Os dados foram gerados a partir de uma entrevista concedida ao *podcast* semanal “Meu Negócio é Diversão”, gravada em 22 de maio de 2023 e publicada três dias depois na plataforma de *streaming* Spotify.⁵ A entrevista corresponde ao episódio nº 10, intitulado “Ep.10 DJ Michell | Baile Charme Viaduto de Madureira”, com duração de 79 minutos (Santana; Mello, 2023). Ao acessar esse episódio na plataforma de *streaming*, é possível encontrar uma breve descrição do convidado e da sua experiência no setor do entretenimento:

No episódio 10 recebemos o produtor, *label manager* e DJ, Michell. Em uma conversa superprodutiva, Michell contou muitas histórias e curiosidades, falou sobre os mais de 20 anos de carreira, 33 anos ininterruptos do Baile Charme do Viaduto de Madureira. Falou de projetos como Black de Elite, Dia do Charme, Baile do Bené e outros (Santana; Mello, 2023).

⁵ O link do episódio do *podcast* encontra-se listado nas referências bibliográficas, identificado pelo nome de seus apresentadores, Allan Santana e Victor Mello.

Conforme mencionado na introdução do trabalho, Michell é considerado uma referência no Baile Charme do Viaduto de Madureira devido à sua trajetória pessoal e profissional nesse espaço. A escolha desse episódio se justifica por ser uma publicação recente na qual o DJ pôde narrar suas histórias de vida, abordando aspectos centrais do movimento charme, tais como: sua inserção no baile, a influência de seu pai e padrinho na construção do movimento, o início da carreira, além de projetos desenvolvidos dentro e fora do Viaduto de Madureira.

Devido à extensão da entrevista, tornou-se necessária a seleção de trechos específicos para análise, uma vez que não seria possível abranger todas as histórias narradas. Assim, os excertos analisados correspondem aos intervalos 35min26s-36min36s e 43min50s-45min24s, respectivamente. Ambos foram transcritos com base nas convenções dos estudos da Análise da Conversação (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974), conforme apresentadas em Bastos e Biar (2015), e encontram-se anexadas ao final deste trabalho.

Tendo apresentado os construtos teórico-metodológicos que fundamentaram a seleção e a transcrição dos excertos da entrevista, passo à análise de dados na próxima seção.

Entre passinhos e histórias: a análise das narrativas do DJ Michell

A análise de dados organiza-se em duas subseções, de acordo com a ordem cronológica das interações na entrevista do *podcast*. No primeiro excerto, Michell comenta sobre seu papel enquanto apoiador de outros profissionais, estabelecendo um paralelo entre o início de sua carreira e suas atribuições atuais. Já no segundo, narra sua forte ligação com o Viaduto de Madureira.

Excerto 1: “Eu ocupo esse espaço de forma plena”

O primeiro excerto é antecedido por uma argumentação dos apresentadores, Allan Santana e Victor Mello, e do convidado, Michell, sobre o papel da produção de eventos culturais para além do entretenimento, como propulsor de movimentação econômica e geração de empregos.

Na sequência, Michell aponta que a produção de eventos envolve muitas etapas, como o planejamento de DJs convidados e a montagem do som, aspectos trabalhosos e invisíveis para o público. O apresentador Allan acrescenta que a montagem de som não é uma tarefa fácil, aspecto reiterado por Michell. O diálogo prossegue da seguinte forma:

Allan	01	Inclusive, eu não tenho- eu não tenho dúvida, você com
	02	essa >experiência,< já deve ter ocorrido eventos que
	03	você como DJ, o, o som parou- e aí o cara do PA lá
	04	apanhando... [sebobear você resolvendo.](apresentado-
	05	ri da situação narrada))
Victor	06	[Eu, eu, EU já vi o Michell] dando muita força pra DJ.
	07	Isso é maneiro, bicho. O cara vai lá, chega junto,
	08	ajuda.
Michell	09	É porque=
Victor	10	=Eu já vi várias vezes.
Michell	11	Eu já FUI esse DJ que não: >tinha oportunidade<. Então
	12	as- eu ficava ali do lado querendo aprender, querendo
	13	tocar. E, e: tipo, hoje eu- tenho o privilégio de
	14	estar ali há 29 anos à frente do, do, do baile do
	15	Viaduto, né... Posso dizer que eu fiz a minha carreira
	16	ali dentro. Comecei como estagiário, DJ, né, fazendo
	17	uma analogia com, com uma empresa=
Allan	18	=executiva.
Michell	19	=uma executiva, é: Comecei como estagiário, virei
	20	funcionário, virei: diretor e hoje eu sou sócio
	21	diretor do espaço.>Então assim,< a MINHA CONSTRUÇÃO
	22	de carreira, ela passa <literalmente> pelo Baile
	23	Charme do Viaduto de Madureira. Então, eu tenho a
	24	minha vida pessoal construída dentro do Viaduto de
	25	Madureira, eu tenho a minha vida profissional
	26	construída DENTRO do Viaduto de Madureira. Então,
	27	CADA- PEDRINHA que tem ali, eu posso falar que eu
	28	conheço o- o- o- cada BURACO que tem dentro do
	29	viaduto, o que CADA COISA pode proporcionar. Enfim, é
	30	literalmente, eu- ocupo esse espaço de forma PLENA.

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos apresentados, esse trecho constitui uma narrativa de história de vida (Linde, 1993) por apresentar pontos avaliativos sobre a trajetória e o caráter de DJ Michell, e ter reportabilidade estendida. Considerando o contexto de narração, uma entrevista para um *podcast* do setor de entretenimento, a história sobre a profissão e experiência do DJ é contável porque demarca um marco biográfico central na vida do

falante e, conseqüentemente, reafirma seu papel como profissional reconhecido no movimento charme.

Para além da dimensão narrativa, as histórias de vida mobilizadas por Michell também se inscrevem no conceito de oralitura (Martins, 2003), uma vez que ativam, pela voz e pelo corpo, repertórios ancestrais que constituem a memória viva do charme. Assim, ao narrar suas experiências, o DJ não apenas relata acontecimentos, mas (re)inscreve e performa saberes do baile, convocando lembranças, relações e afetos que circulam no Viaduto de Madureira.

Nas linhas 01-10, os apresentadores descrevem uma situação hipotética, mas possivelmente rotineira no trabalho de montagem de som, envolvendo as atribuições do *Disc Jockey* (DJ) e do profissional que conduz o sistema de som, *Public Address* (PA). Neste momento, o apresentador Allan constrói discursivamente Michell como um DJ experiente (linha 02) e proativo (linha 04), aspectos reiterados por Víctor ao testemunhar: “eu já vi o Michell dando muita força pra DJ” (linha 06) e “eu já vi várias vezes” (linha 10).

Michell, por sua vez, ratifica essa imagem ao construir coerência narrativa (Linde, 1993) por meio do recurso de causalidade. Assim, o DJ explicita os motivos pelos quais ele é prestativo e ajuda outros profissionais: “eu já fui esse DJ que não tinha oportunidade”, “eu ficava ali do lado querendo aprender, querendo tocar” (linhas 11-13). Há aí a construção de emoções negativas que remetem à impossibilidade e frustração. Em um movimento de resignificação, Michell se disponibiliza a ajudar, transformando uma experiência negativa em prática solidária, postura alinhada à identidade de um profissional colaborativo.

Em seguida, Michell reitera o ponto avaliativo inicial do apresentador Allan, que o qualificou como um DJ experiente. Para isso, Michell, primeiramente, avalia a oportunidade de estar “há 29 anos à frente do Baile do Viaduto” como um “privilégio” (linhas 13-14), construindo emoções positivas acerca de sua experiência profissional. Além disso, Michell mobiliza o recurso da sequencialidade, narrando sua ascensão profissional dentro do Viaduto: “comecei como estagiário, DJ, né, fazendo uma analogia com, com uma empresa” (linhas 16-17), “comecei como estagiário, virei funcionário, virei direto e hoje sou sócio-diretor” (linhas 19-21). Por meio deste recurso, Michell apresenta uma progressão coerente de fatos que legitima sua posição atual como liderança neste local.

Além de ser um recurso narrativo, a metáfora da empresa é compreendida como uma maneira de Michell (re)posicionar o Baile Charme do Viaduto de Madureira enquanto um empreendi-

mento cultural, legitimando-o na lógica de trabalho citada previamente: uma produção cultural propulsora da economia e geradora de empregos. Nas linhas seguintes, Michell constrói emoções positivas de pertencimento ao Viaduto de Madureira ao elencar como toda a sua construção de vida, pessoal e profissional, ocorreu ali. No que se refere aos recursos léxico-discursivos, o DJ utiliza fala com ênfase (“MINHA CONSTRUÇÃO”, na linha 21) e repetição de palavras (“construída dentro do Viaduto...”, nas linhas 24 e 26) para conferir destaque e dramaticidade à inseparabilidade entre ele e o Viaduto.

Por fim, Michell descreve seu conhecimento minucioso do local a fim de justificar a conexão com o espaço, afirmando que conhece “CADA PEDRINHA” (linha 27), “cada BURACO” (linha 28), “cada COISA” (linha 29). Os conhecimentos elencados somam-se às causas apresentadas anteriormente e contribuem para a construção identitária de Michell como um legítimo conhecedor e guardião do Viaduto. Na conclusão de sua fala, evidenciam-se as emoções positivas acerca do seu vínculo com o Viaduto ao afirmar: “eu ocupo esse espaço de forma PLENA” (linhas 29 e 30).

Dessa maneira, compreendo que as identidades e emoções construídas discursivamente nesta narrativa de história de vida operam como inscrições nos ambientes de saber e de memória (Martins, 2003) do charme. A progressão profissional de Michell e sua postura colaborativa ecoam práticas fundadoras do movimento, iniciado por DJ Corello e expandido coletivamente, consolidando o charme como vivência compartilhada.

De forma semelhante, Michell se mobiliza para ajudar outros profissionais e, conseqüentemente, atua para a circulação de conhecimentos e fortalecimento dessa comunidade. Assim, sua trajetória profissional reafirma o valor da coletividade, da criação de rede de conexões e contribui para a circulação e preservação de saberes, memórias, afetos e pertencimento no/ao Baile Charme.

Excerto 2: “Eu não consigo tirar o viaduto do meu sangue”

Nos minutos que antecedem o excerto a seguir, os apresentadores e Michell comentam sobre eventos realizados em parceria com marcas famosas no Viaduto de Madureira. Nesse contexto, Michell, representante do espaço, afirma que consegue “tendenciar” moda, dança e comportamentos por meio dessas colaborações. A conversa continua abaixo:

Allan	01	Sim, sim, CLARO. Não- aliás, DJ Michell e Viaduto de
	02	Madureira são- quase [a mesma pessoa.]
Michell	03	[É quase a mesma coisa.] ((participantes riem)) Eu,
	04	eu, eu costumo brincar, <por exemplo> eu tive um: um:
	05	momento com o DJ Memê, que meu nome dentro do- das
	06	redes sociais era DJ Michel Viaduto. E: ele enquanto
	07	profissional, com- muito mais experiente, ele falou:
	08	“mas seu nome não pode ser DJ Michel Viaduto.” Eu
	09	falei assim, cara, mas é o lugar que eu AMO, que eu-
	10	Ele: “TUDO BEM, não tem problema nenhum, mas tipo- se
	11	o Viaduto DESABAR, você vai, vai morrer junto?” Então
	12	assim, a minha LIGAÇÃO com o Viaduto de Madureira era
	13	tão intensa que eu ASSINAVA o meu nome nas redes
	14	sociais como DJ Michel Viaduto porque na, na minha
	15	cabeça romântica eu PRECISAVA ter essa junção, só que
	16	ela já existe naturalmente, não é algo que eu precise
	17	forçar. Quando cê fala de >Viaduto Madureira<,
	18	<humildemente>, eu tenho certeza que você vai LEMBRAR
	19	DE ALGUÉM. E eu >posso ser uma dessas pessoas< que:
	20	você vai lembrar e vai associar. Então, assim, é um
	21	trabalho que se <mistura> muito, eu não <consigo>
	22	tirar: o viaduto do meu sangue, ele tá AQUI, dentro do
	23	meu sangue. É algo que eu construí, que eu tenho
	24	orgulho de PARTICIPAR, de levar e que- as pessoas, às
	25	vezes, se encantam pela forma como eu- eu FALO do
	26	lugar, porque é algo que, desses 29 anos que eu tenho,
	27	dentro dos 33 de viaduto, é que: me movem o tempo
	28	inteiro, é: essa paixão.

A narrativa acima é compreendida como uma história de vida (Linde, 1993), pois legitima a identidade de Michell e reforça seu vínculo com o Viaduto de Madureira. Ao dizer que “DJ Michell e Viaduto de Madureira são quase a mesma pessoa” (linhas 01-02), o apresentador Allan corrobora a construção identitária do DJ no ex-certo anterior, na qual Michell diz ter sua vida pessoal e profissional construídas dentro desse espaço.

No que se refere à construção discursiva das emoções, interpretado que o apresentador mobiliza emoções positivas de pertencimento e vínculo afetivo ao atribuir ao Viaduto características de “pessoa” e equipará-lo a Michell. A fim de ratificar esse ponto avaliativo, o DJ alude a um período passado em que se apresentava nas redes sociais como “DJ Michell Viaduto”. Esse gesto performático, de vincular seu nome artístico ao Viaduto de Madureira, expressa sua afetividade

e reforça a noção de que o corpo pode ser um lugar de inscrição da memória (Martins, 2003). Ao levar o Viaduto em seu próprio nome artístico, Michell corporifica sua história de participação no movimento charme e constrói o território como sua identidade.

Além disso, Michell utiliza o discurso reportado de uma interação com o DJ Memê, incorporando outras vozes à sua narrativa e conferindo-lhe credibilidade. Mesmo diante da advertência de Memê sobre a inadequação do nome “DJ Michell Viaduto”, ele defende sua escolha, fundamentando-a em seu vínculo afetivo: “cara, mas é o lugar que eu AMO” (linha 09). O questionamento de Memê “se o viaduto DESABAR, você vai, vai morrer junto?” (linhas 10-11) intensifica a construção de emoções ligadas à indissociabilidade sujeito-território e, conseqüentemente, ao seu senso de pertencimento ao espaço. Esse movimento discursivo de Michell também reforça a relação de causalidade entre passado e presente (Linde, 1993), uma vez que o evento narrado funciona como uma justificativa para a sua identidade atual, sugerindo que sua autoapresentação é construída de maneira consistente, a partir da história que o conecta ao Viaduto.

Novamente, o vínculo dos nomes é trazido nas linhas 12-14: “a minha ligação com o Viaduto era tão intensa que eu ASSINAVA o meu nome nas redes sociais como DJ Michell Viaduto”, por meio do qual Michell constrói o sentido de quem ele é, se autoapresentando como um membro vinculado ao espaço. No plano macrossocial, o nome é um identificador e marcador de identidade e credibilidade dos indivíduos. Nesse sentido, escolher ser nomeado e vinculado explicitamente ao Viaduto é uma forma de Michell se construir e se reconhecer como parte integrante do local.

A construção identitária também se manifesta pelas sensações e metáforas corporais: “eu não consigo tirar o viaduto do meu sangue, ele tá AQUI, dentro do meu sangue” (linhas 21-23). Michell atribui às vivências no Viaduto ao sentido de sua existência, a algo sem o qual ele não consegue existir. Nesse caso, o “sangue” é metáfora narrativa de vitalidade, pois do mesmo modo que ele transporta substâncias essenciais para o corpo, o Baile Charme do Viaduto de Madureira carrega o sentido da existência de Michell.

Por último, Michell se posiciona como criador, participante e propagador da história dos 33 anos⁶ do Viaduto de Madureira, nas linhas 23-24: “é algo que eu construí, que eu tenho orgulho de participar, de levar”. Assim, suas identidades, emoções e senso de pertencimento, mais uma vez, funcionam como repertórios inscritos nos ambientes de saber e memória (Martins, 2003), que (re)atualizam e mantêm viva a história do Baile Charme. A narrativa de história de vida se encerra com a expressão de uma emoção central, com alta carga afetiva:

⁶ Conforme mencionado na introdução, a fundação do Viaduto de Madureira como espaço cultural está relacionada à criação do bloco carnavalesco Pagodão de Madureira, em 1990. Dessa forma, em 2023, ano da gravação da entrevista, o Baile Charme do Viaduto de Madureira completou 33 anos de existência.

“me movem o tempo inteiro, é essa paixão” (linhas 27-28), reiterando como o Baile Charme do Viaduto de Madureira não apenas compõe sua identidade, mas dá sentido à sua própria vida.

Encerrando o baile (por enquanto): considerações finais

Neste trabalho, tive como objetivo analisar a construção discursiva de identidades e emoções nas histórias de vida (Linde, 1993) de um dos principais representantes do Baile Charme do Viaduto de Madureira. Para tanto, adotei o conceito de oralitura (Martins, 2003), que abrange os múltiplos repertórios culturais de produção e disseminação de conhecimentos inscritos em vozes, corpos, histórias e narrativas.

A partir da análise desenvolvida, observei que Michell se constrói como parte integrante e indissociável do Baile Charme do Viaduto de Madureira, atribuindo a esse local a construção de sua trajetória pessoal e profissional. As histórias de vida narradas pelo DJ, marcadas por emoções positivas e de forte teor afetivo, articulam passado e presente e avaliam sua trajetória profissional como um “privilégio”. Assim, compreendo que as identidades e emoções mobilizadas são centrais para a produção de saberes e memórias do Baile Charme do Viaduto, reforçando o papel de Michell como precursor do espaço.

De forma mais ampla, as histórias de vida de Michell contribuem para a preservação e perpetuação da memória do charme no Brasil, especialmente no contexto carioca, reafirmando a relevância das narrativas pessoais na construção de inteligibilidades sobre a vida social e no fortalecimento de movimentos culturais coletivos, como o charme.

Referências

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA**, São Paulo, v. 31, n. spe, p. 97-126, ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/Y8HLKnQRjQs8ZpdHjQY4fqH/?lang=pt> Acesso em: 18 ago. de 2025.

BRASIL (Estado do Rio de Janeiro). Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. **Lei no 8.559, de 07 de outubro de 2019**. Declara como bem cultural de natureza imaterial do estado do Rio de Janeiro o movimento artístico charme. Rio de Janeiro: Assembleia Legislativa, 2019. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/766307348/lei-8559-19-rio-de-janeiro-rj>> Acesso em: 24 de jul. de 2025.

BRASIL (Estado do Rio de Janeiro). Assembleia Legislativa. **Projeto de Lei no 6.605, de 27 de maio de 2022**. Declara patrimônio cultural imaterial do estado do Rio de Janeiro o baile charme do viaduto de Madureira, e dá outras providências. Rio de Janeiro: Assembleia Legislativa, 2022. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1923.nsf/012cfef1f272c0ec832566ec0018d831/680a3cc0c2f4bcb60325884e006d4d6e?OpenDocument>>. Acesso em: 24 de jul. de 2025.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOMES, Eduardo. É muito charme! A história do movimento que há 4 décadas arrasta multidões. **Veja Rio**. Rio de Janeiro: 17 de julho de 2024. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/baile-charme-viaduto-de-madureira>>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste**. Niterói: UFF, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

LINDE, Charlotte. **Life stories: The creation of coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.

MARTINS, Leda. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 26, p. 63–81, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>>. Acesso em: 11 de jul. de 2025.

MARTINS, Leda Martins. **Performance do Tempo Espiral: poética do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIRANDA, Marcela Regina de Oliveira de. **Viaduto De Madureira: uma análise sobre o baile charme carioca**. 2019. 93 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/11031/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FINAL%20-%20MARCELA%20MIRANDA%20%28PPGS-UFF%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de ago. de 2025.

MISHLER, Elliot G. **Research interviewing: Context and narrative**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

RIO DE JANEIRO (Município). **Decreto no 36.803, de 27 de fevereiro de 2013.** Cadastra como bem cultural de natureza imaterial o Baile Charme e declara aberto o registro do patrimônio cultural carioca de natureza imaterial. Diário Oficial da Cidade do Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2013. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4368015/4108340/27DECRETO36803BaileCharme.pdf>. Acesso em: 01 de ago. de 2025.

RIO DE JANEIRO (Município). **Lei no 8.954, de 26 de junho de 2025.** Declara o Passinho do Baile Charme como patrimônio cultural imaterial do povo carioca. Diário Oficial da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, [S.l.], 26 de junho de 2025. Disponível em: <https://aplic-nt.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/2ed241833abd7a5b8325787100687ecc/2a7e3b63cbc453ea03258cb-50051f1b4?OpenDocument>. Acesso em: 7 de ago. de 2025

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking in Conversation. **Language**, Washington, v. 50, p. 696-735, 1974.

SANTANA, Allan; MELLO, Victor (Hosts). Ep.10 DJ Michell | Baile Charme Viaduto de Madureira. In: **Meu negócio é diversão**. [S.l.]: Spotify, 25 de maio de 2023. 1h19min. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/04A1hoCSDeo12D9S-TeXrco>. Acesso em: 28 de jun. de 2025.

VIADUTO DE MADUREIRA. **Viaduto de Madureira**, 2016. Disponível em: <https://viadutodemadureira.com.br/2016/>. Acesso em: 8 de ago. de 2025.

VIADUTO DE MADUREIRA. Hoje, o Viaduto de Madureira homenageia todos os pais... [vídeo]. **Instagram**, 10 de ago. de 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DNLyZyOvmN/>. Acesso em: 13 de ago. de 2025.

Anexo

Convenções de Transcrição⁷

...	pausa não medida
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
sublinhado	Ênfase
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	palavra em voz baixa
>palavra<;	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	Alongamentos
[início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
()	fala não compreendida
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
"palavra"	fala relatada, reconstrução de um diálogo
hh	aspiração ou riso
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação

⁷ Convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974), com a incorporação de símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989), apresentadas em Bastos e Biar (2015).

“I CAN’T TAKE THE VIADUCT OUT OF MY BLOOD”

THE CONSTRUCTION OF IDENTITIES AND EMOTIONS IN THE LIFE STORIES OF A DJ FROM THE *BAILE CHARME AT VIADUTO DE MADUREIRA*

Abstract

Charme movement, which emerged in Rio de Janeiro in the 1980s, has the *Baile do Viaduto de Madureira* as its main stage. Based on a qualitative-interpretative research methodology (Denzin; Lincoln, 2006), this article proposes a discursive analysis of an interview given by Michell, resident DJ and managing partner of *Baile Charme do Viaduto de Madureira*, to an entertainment podcast. The analysis highlights the discursive construction of identities and emotions in the DJ’s life stories (Linde, 1993) and how these are inscribed in memory environments (Martins, 2003), simultaneously fostering a sense of belonging and contributing to the continuity and dissemination of the *charme* movement.

Keywords

Narratives. Life story. Identities. Emotions. *Baile Charme do Viaduto de Madureira*.